

TIAGO MADALENO No Pescoço do Cisne
13.06 – 08.08.2026

**COM O TEMPO PRESO NA GARGANTA,
OU A ÚLTIMA PARTIDA**

Laila Algaves Nuñez

O lago está sempre calmo, é verdade. Ainda assim, há momentos em que está especialmente imóvel, tão tático que nos cala o mais ínfimo apumar das penas, tão reto que nos repete o mundo ao avesso, nitido como uma pedra e todo o resto que está sobre a linha d'água. Sei que assim será quando estiro o pescoço, ainda sonolento e preguiçoso, e toco logo num vazio denso de profecia, as águas já a prender a respiração, como que para adivinhar connosco qual dos mundos cede primeiro. O que se segue é sempre um acontecimento importante — um barco. Um homem a cortar, com elegância, essa mansidão desmedida que me põe cismado.

São vários. Ainda surpreendo-me, de tempos em tempos, quando surge um novo rosto à beira. Nunca estão acompanhados e, por isso, raramente oiço-os a escapar qualquer som. Quando o fazem, cantam — alguns envergonhados de nós, outros com uma confiança indiferente. Já vi-os emocionados, inspirados, cansados, distraídos. Já vi-os a raspar, riscar, medir, fazer muito e fazer pouco com as coisas que trazem. Alguns já me olharam no olho. Este foi um deles.

Era um dos menos elegantes, confesso. Primeiro, passei a reconhecê-lo pelo barulho tosco que a sua embarcação produzia quando esbarrava no lago. Pedía licença, sem jeito, como se não conhecesse o espaço que o próprio corpo ocupa, como se cada vez fosse a primeira a experimentar o seu peso sobre a água. Depois, já o reconhecia pela disritmia dos seus passos. Embora lhe faltasse a graciosidade, gostava do que compunha com as suas ferramentas. Acompanhava as suas criações — outros duplos do mundo fora d'água — com entusiasmo, sempre apenas até aquele maldito objeto insinuar-se do seu bolso. Era quando ele parava, deixando o seu gesto a meio, e regressava à terra. Vi-o realizar o mesmo ritual incontáveis vezes — e vi-me, também, a ansiar pelo momento em que

ele, não mais com o seu ar de urgente, concluiria aquilo que fabricava.

Foi então que percebi que a chave da questão estava ali, tão óbvia embaixo do meu bico. Apesar de mantê-la por perto, talvez aquela peça redonda lhe soasse absolutamente estrondosa e irritante, como para nós. Talvez bastasse acabar com o insistente tick tock, tick tock, tick tock que lhe ordenava a partida — e ele então ficaria, até ao fim. Uma mordida. Tinha a certeza de que tudo estaria resolvido. Aproximei-me, delicado, e estiquei-me num só golpe. Engoli-a.

O tempo ficou preso na garganta de um cisne. A história — que já terá sido a rota mais eficiente entre o aqui e o lá¹, e antes e o depois — engasgou-se, curto-circuitou, passou de linha a ponto (ou qualquer que seja o oposto de uma linha). Entalada entre o dentro e o fora (o *IN* e o *OUT*), descreve, agora, pelo menos duas direções em simultâneo. São assim as histórias que interessam e informam o trabalho de Tiago Madaleno — crónicas poderosas em produzir e extravasar (*con*)textos, isto é, hábeis em abordar determinados assuntos *precisamente enquanto* falam sobre outra coisa qualquer. Nas suas obras, sente-se que cada palavra ou imagem contém uma deriva, um desfasamento entre forma e sentido. Abrem frentes, brechas, rachaduras; são fumo em facto e figura — um sinal do fogo que arde (ou ardeu, ou arderá) algures fora da visão. Ficar a meio é a sua força.

O cisne abocanha o relógio, que é agora um corpo estranho. Digeri-lo-á? Misturá-lo-á aos ritmos internos das suas vísceras até que todos os pedacinhos de vidro estejam devidamente triturados? Viverá para ver o tempo regressar ao pintor²? Ou terá conseguido interromper, de uma vez, todas as partidas e todas as chegadas? Pessoalmente, gosto de

imaginar o tempo ali, quase parado, enfim silencioso, ao sabor da fermentação da saliva ou de um espasmo involuntário no esôfago. E se isto não lhe desce goela abaixo? O que sucede ao pensamento de origem, se não há depois? Ou ao exílio, se nunca houve a possibilidade de retorno? Que língua falar com o outro, se já não é nativo de nada? O tempo, organismo intruso, aloja-se no centro do corpo, deixando-nos somente e nada mais que o *demorar*. Não é um verbo simples. Sabemo-lo derivar de morada, abrigo, habitação – o que nos conduz algo precipitadamente a ideias de autonomia, soberania, unidade e, com alguma razão, fixidez. Contudo (e porque também Madaleno partilha do gesto de quebrar palavras), há algumas subtilizas por desvendar num dos seus significados menores: o radical pré-romano *mor-*, que indica *acervo*, ou, tão só, um *amontoado de pedras*³. Morar, portanto, reflete um processo de coleta, um gesto que reúne e guarda o *que foi*, mas que, ao criar um lugar de excesso, nutre, igualmente, o *que pode ser*.

Todas essas relações residem na exposição de Madaleno – somos recebidos em casa, embora não saibamos exatamente se a nossa ou a de outrem; se enquanto hospedeiros ou hóspedes. Em francês, a palavra é uma: *hôte*. Esta permanecerá, portanto, uma questão em aberto, designando posições em constante intercâmbio ou, quem sabe, sempre justapostas. Nesse espaço, no pescoço desse cisne tão absolutamente branco, o tempo estremece entre a assimilação e a expulsão; sedimenta a sujidade, o ritual e a identidade. A soberania do eu nessa casa é uma ilusão (já nos dizia Freud), porque nem o eu, nem a casa podem ser entidades completas e encerradas. Nunca logram coincidir consigo mesmos. Existem *em demora* – eternamente *acúmulo* e *abundância*. Refazem-se no limiar entre o interior

e o exterior, entre dois animais e um relógio. Assim, ainda que o tempo sobreviva à garganta e retome o seu ofício organizador, saberemos agora que voltar à casa, ou voltar a si, implica compreender que ambos são lugares onde nunca estivemos.

- 1 Cito o autor, advogado e ativista político Dylan Saba, no seu ensaio *Point of No Return* (2024).
- 2 Escrevo esta nota por último, depois de muito cogitar se deveria ou não oferecer alguma prova de veracidade ao texto. Sem nenhum apego à realidade dos acontecimentos, concluí, porém, que a pessoa leitora poderá regozijar-se ao saber que esta anedota parece ter acontecido, de facto, ao pintor alemão Kurt Schwitters (1887-1948). Num dia de verão, em Grasmere, Inglaterra, teve o seu relógio de bolso comido por um cisne – que, sob a tutela da Coroa britânica, saiu impune, sem jamais responder pelo furto. Diversos momentos da vida de Schwitters têm orientado os trabalhos de Tiago Madaleno, como em *Um Jardim à Noite* (2020, RAMPA), *Uma folha no bolso* (2022, Estabelecimento Prisional do Porto, uma comissão do Museu de Arte Contemporânea de Serralves) ou *Sala de Fumo* (2023, Museu Guerra Junqueiro).
- 3 Segundo o historiador Armando de Almeida Fernandes, em *Toponímia Portuguesa - Exame a Um Dicionário* (1999).
- 4 Aludo diretamente à frase de Ursula K. Le Guin, no seu romance *Os Despojados*, traduzido e publicado pela Edições Saída de Emergência: “[p]odes voltar para casa, [...] desde que compreendas que casa é um lugar onde nunca estiveste” (2017, p. 60).

Por favor não tocar nas obras.

TIAGO MADALENO (Vila Nova de Gaia, 1992). Na sua prática artística utiliza a especulação narrativa como mote para a criação de instalações onde coexistem, em tensão, liberdade e constrangimento, presença e ausência, numa abordagem híbrida que cruza os meios do desenho, da pintura e da escrita.

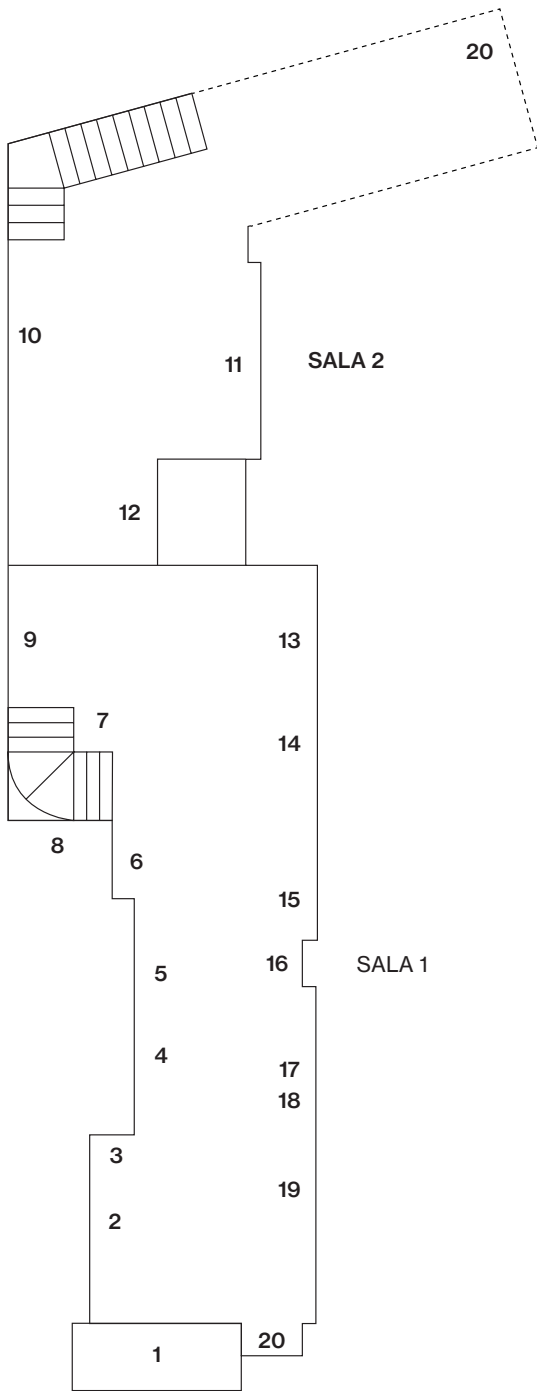
Licenciado (2014) e Mestre (2016) em Artes Plásticas – Pintura pela FBAUP. Expõe com regularidade desde 2013. Destaque para as exposições individuais *Glossolalia* (2026), (em colaboração com Joana Patrão), curadoria Nuno Crespo, Escola das Artes-UCP, Porto; *Um Jardim à Noite* (2020), RAMPA, Porto, apoio Criatório 2019, e *Noite de Núpcias* (2019), Appleton - Associação Cultural, Lisboa; e as colectivas *Lúcido Devaneio: Panorama de Arte Portuguesa Contemporânea* (2025), curadoria Hiuwai Chu e Raphael Fonseca, Galeria Municipal do Porto; *Para Além do Espaço e do Tempo, No Sétimo Continente* (2025), curadoria António Olaio e Paulo Mendes, Colégio das Artes, Coimbra; e *TheSpaceInYourHead* (2025), curadoria Eduarda Neves, Galeria Dinamo, Porto.

O seu trabalho tem sido apoiado e distinguido com vários prémios, destacando-se o NOVO BANCO Revelação 2017, promovido pela Fundação de Serralves.

A sua obra encontra-se representada em várias coleções públicas e privadas como: Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português (CACE); Culturgest - Caixa Geral de Depósitos; MAAT - Fundação EDP; Museu Amadeo de Souza-Cardoso; Câmara Municipal do Porto, entre outras.

+ info: www.tiagomadaleno.com

- 1 *TICK TOCK*, 2026
Tapete, 110 x 161,5 cm
- 2 *Apenas o som abafado de um relógio desbragado*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 41 x 50,8 cm
- 3 *Imagens tão cruéis, que só se permitem vislumbrar por instantes, antes da névoa as cobrir de novo*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 50,8 x 41 cm
- 4 *Também aqui os móveis se devem fazer silenciosos, para que apenas se pressintam o batimento do relógio atravessado na garganta*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 62 x 74 cm
- 5 *Todas as casas se regem por princípios de exclusão*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 63,5 x 51 cm
- 6 *Dedos também eles enfaixados de branco, ostentando anéis ortopédicos, como se brincassem de casamento, com as suas juras e compromissos*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 50,8 x 41 cm
- 7 *A chávena e a paisagem*, 2026
Tapete, 91 x 290 cm
- 8 *Esse choro terá que ser limpo com a mesma prontidão animalisca com que se ocorre a uma criança recém-nascida*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 49,5 x 44,3 cm
- 9 *Das paredes surgirão, com insistência redobrada, as regras, os regulamentos, as marcações subentendidas, os reparos, as pequenas preferências, os horários de utilização que sempre constituíram a partitura do espaço*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 62 x 74 cm
- 10 *A dim bulb*, 2026
Caixa de sapatos, led, tapete, 21,7 x 34 x 14 cm (caixa de sapatos), 108 x 204 cm (tapete)
- 11 *Não haverá mais bichos debaixo dos tapetes. (...) Talvez novos ninhos se venham a formar nos cantos mais escuros da casa, lá onde a cegueira não pode chegar com igual intensidade. Mas não para já. / O verão terminou com a convicção de um primeiro*
prémio entregue por engano. Silencioso e pueril. (...) O desejo de conforto esconde-se por detrás de um fervor disciplinado. (...) Os cisnes serão fantasias, quase sombras, nos malabarismos de dedos curvos. (...) Dedos que, até então, se tinham desacostumado do toque para se entregarem à dança. / A noite ficará escondida debaixo da alvura das penas, feita ambigüição desnecessária, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, Dimensões Variáveis
- 12 *Das suas pétalas cairá uma fuligem negra, espécie de orvalho invertido ou manifestação fantasma de uma natureza ainda acostumada a rituais antigos*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 47 x 70 cm
- 13 *Durante a temporada das fogueiras, a lembrança de calor será a nova lei, os urros dos animais virão do ranger da madeira a espreguiçar-se e a casa não terá mais lugar para ti*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 41 x 50,8 cm
- 14 *A respiração visível*, 2026
Tapete, 140 x 200 cm
- 15 *Os latidos dos cães não terão dono novamente, serão a língua do sofrimento universal*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 44,3 x 59,5 cm
- 16 *A cantiga suspensa das moscas será engolida por um dilúvio de branco e no reflexo das suas águas poder-se-á ler que a alegria irresponsável dos voos terá que esperar*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 47 x 70 cm
- 17 *Com o mesmo desvario com que se persegue a felicidade num mundo insensível*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 41 x 50,8 cm
- 18 *Sem hesitar, com os dentes cerrados, inclementes*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 50,8 x 41 cm
- 19 *As flores repousarão sobre a frescura perdida com o leite fúnebre de um bouquet colorido*, 2026
Fumo sobre madeira preparada com tinta acrílica, 50,8 x 41 cm
- 20 *WELCOME*, 2026
Tapete – diptico, 69 x 88 cm



PISO 0